

## Poesia, Humano, Palavra /

## Poetry, Human, Word

*Marcos Laffin\**

Possui Pós-Doutorado em Contabilidade pela UFBA, Doutor pela UFSC. É professor aposentado na graduação, mestrado e doutorado em Contabilidade (UFSC). Pesquisador e extensionista avaliador ad hoc MEC na área de educação, trabalho e formação de professores de contabilidade. Escritor no gênero poesia e prosa poética.



<http://orcid.org/0000-0003-3204-3817>

**Recebido** em: 22 mai. 2021. **Aprovado** em: 18 jul. 2021.

### Como citar este ensaio:

LAFFIN, Marcos. Poesia, Humano, Palavra. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 284-309, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10061469>

### RESUMO

O resumo é sempre um fragmento. Como um pedacinho dos olhos de cá, parece sempre duvidar dos cílios dos olhos de lá. Será que entendeu? Será que seduziu? Este texto é um texto e na forma de ensaio literário traz a poesia como atividade do humano. A palavra na poesia movimenta um sentido de não-lugar. Neste ensaio se fala da palavra cercada pelo imaginário discursivo e pescada para emergir movimentos. Neste ensaio, em sua condição de provisoriedade, pela transição mutante da polissemia, articula linguagem poética e racionalidade em que procura evidenciar o rigor sem desejar a exatidão, mas não se descuida de aproximar seus enleios, pois em sua finalidade concorrem certas afirmações na busca de sua contrapalavra. O ponto que se exhibe como final enseja suas reticências pois a vida ao irromper todos os dias pergunta: quem há de domesticar o mar? Em resposta, a poesia recita, que livre é o humano que compreendeu Ítaca<sup>1</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; Palavra; Liberdade; Estética.

---

\*

 [marcoslaffin@gmail.com](mailto:marcoslaffin@gmail.com)

<sup>1</sup> Ítaca é um poema de Kostantinos Kaváfis. Neste ensaio, Ítaca assume o caminho em direção do trabalho de domar o mar. Domar o mar é um trabalho. É um trabalho impossível, mas não menos prazeroso. É assim que para ir a Ítaca, se busca expressar, como no poema, o que vema ser a felicidade. Felicidade é primeiro uma sensação. Depois reúne um significado, e depois do significar Ítaca é uma palavra que abre infinitamente novos caminhos, novas palavras que retornam sempre à sua origem: domar o mar.

**ABSTRACT**

*The summary is always a fragment. Like a little piece of the eyes here, he always seems to doubt the lashes of the eyes there. Did you understand? Did he seduce? This text is a text and in the form of a literary essay it brings poetry as a human activity. The word in poetry moves a sense of non-place. In this essay we speak of the word surrounded by the discursive imagery and fished to emerge movements. In this essay, in its condition of provisionally, due to the mutant transition from polysemy, it articulates poetic language and rationality in which it seeks to show rigor without desiring accuracy, but does not neglect to approach its linkages, as certain statements compete in its purpose in the search for your counter word. The point that appears as the end gives rise to its reticence because life when it breaks out every day asks: who is going to tame the sea? In response, poetry recites, how free is the human who understood Ítaca.*

**KEYWORDS:** Poetry; Word; Freedom; Aesthetics.

## 1 Introdução: águas e margens

Andando um pouco a mais, depois do fragmento aparecem os esteios e suas cercanias. Na vizinhança e naquele povoado chamam de introdução. Se acaso for necessário, então faço o anúncio de suas águas, mas não de suas margens.

Na linguagem escrita, o texto é a casa das palavras. Signo de nenhuma exclusão de suas variações, a casa sempre abriga. Nessa habitação, léxico indeterminado e insuficiente, as vozes e os ouvidos se refazem em contrapalavras. Despir-se da cegueira e enxergar esse eu-outro é agarrar esse fenômeno da convulsão polifônica para que essas vozes se insiram ou contornem a disputa do ouvir e do dizer. Acaso a história se faça nos percursos de humanidades, e nela as possibilidades do inaugural, então são nessas construções de múltiplas vozes e nesse não-lugar que principiam textos que carregam subjetivos desejos, pois é lá que “interpretamos o que nos acontece”. (GERALDI, 2002, p. 2)

O texto como linguagem escrita, emigrante e imigrante de vozes, é sempre palavra que carrega o desejo de acolhimento nas pulsões primárias, depois se faz em diálogos em outros tempos, em outras palavras pescadas e pesqueiras. Assim, tragado na forma e no conteúdo não há o que temer em terminar o nexos da forma: desconexo.

O tempo reclama o tempo e essa sobrecarga de tempo o faz atemporal, e nele o humano se fez. Cantou e, depois do seu próprio cantar ouviu ecoar outros cantares. Em tempos de acolhimentos e renúncias ou nas relações temporalizadas, nenhum texto fica sob suspeita quando nele existe algo a dizer, mesmo que nada diga.

Quando a linguagem em sua manifestação de escrita desce aos porões e lá deseja ficar porque se acostumou ou não conheceu os não-lugares, então é preciso sabê-la como uma expe-

riência que se fez das histórias de sujeitos. A linguagem, no princípio, tinha o interesse: ser! E por último, em efêmeros tempos, mantém o seu princípio: ser! Os sujeitos, em sua provisoriedade, ao desenharem o pensamento na escrita nela incluem a memória.

Esses não-lugares não são vazios, mas múltiplos de historicidade e possibilidades. Os não-lugares não são espaços fechados, mas abertos e integram a ordem da Via Láctea, são férteis a tudo o que se precedeu e ao que se sucede. Os não-lugares são feitos ao mesmo tempo de espaços-tempos terrenos e cósmicos marcados nos relógios mecânicos, digitais, atemporais; invadidos e, ainda, não tornados próprios, mas de esferas visíveis e a serem desveladas.

A historicidade desse movimento como princípio, faz-se de formas transubstanciadas e ele próprio ao se constituir e ser constitutivo de expectativas de ser um não-lugar, também, faz-se objeto de disputa. Contudo, nele o diferente e o movimento são sempre protagonistas. Esse não-lugar - reflexo dos espelhos em vitrais de novas imagens e múltiplas vozes - funda-se sempre pela herança cultural, portanto, nunca foi vazio, mas carregado de memória e história.

O movimento é condição para o não-lugar. Essa andança do mudar e do transformar é ação mobilizadora das não conformidades. O não-lugar se dá, não como lugar privado e individual, mas cada vez mais coletivo, porque diverso, requer teias entrecruzadas de colaboração nunca dissociadas de historicidade. É por isso que a palavra quando se desloca em movimento intencional para ser poesia se acresce do 'eu' para ir ao 'outro' carregando sempre mais que apenas um. Como surgem os novos signos senão pelo movimento? Vês? Vozes ecoam entre um badalo e outro, fazem fluxo em que o espaço também é movimento. Entre a realidade e o imaginário existe sempre um acontecimento e lá, no não-lugar, é onde o indefinido e o imprevisível formam um corpo, em uma relação de coexistência, em que a poesia já é outra palavra.

A linguagem, a escrita, o texto, a palavra captura o fenômeno que procede de uma subjetividade, talhada ou não, portadora de um tempo que sempre se refaz para duelar com o tempo interior, esquecido ou desconhecido, pois não pode haver nenhum julgamento daquilo que ainda não foi experimentado, daquilo que não foi inventado. Aquele que julga enfrenta seu castigo, uma vez que nunca saciou a totalidade – sacrificado como intangível – e, invariavelmente, ataca o interior - o desconhecido. Sim, as palavras são heranças e, como tal, um patrimônio disponível que a todos e a ninguém pertence. Estas vêm carregadas de componentes os quais não conseguimos delimitar por estarem ao mesmo tempo poluídas à espera dos movimentos de sua desintoxicação e abertas para se transformarem em outra. Além disso, as heranças fazem e trazem a

ressonância com a dúvida sobre a consciência estética de sua origem, pois ao existir a polissemia de consciências já não existe senão outras.

De toda a apreensão que desafia o pensamento, o tempo e a historicidade são lugares habitados, habitáveis e comungam sincronidades e contradições e fazem assim seus movimentos. A poesia é mais. A poesia encontra seu suor nos não-lugares e é essa a essência a ser desbravada. O não-lugar se impõe como atemporal. Em que se apresente carregado de memórias desdobra-se como inaugural, pois foi depois que Sísifo enfrentou seu naufrágio que os não-lugares se riscaram transcendentais, divino. Aqui o humano se abre para a poesia, para o além dele.

Depois da invenção do cotidiano (CERTEAU, 1996), esse lugar de onde as palavras saem para impermanecerem em não-lugares e de lá se afastam para novos sentidos do existir o humano, ele com ele e com os outros e nos outros, remexem nas palavras e nas vozes de onde ecoam tantas outras coisas e de repente, a poesia.

Nas águas desse ensaio uma advertência: as palavras devem ser lidas em calma. A lentidão em cada letra sugere um destino. Assim como a cigana que lê os traços da mão, também aqui a leitura escorre noutra direção. E se acaso perguntas de que trata esse texto, é disso: o humano em ruminâncias nas palavras em busca de ser poesia. E para quê? Não me atrevo a responder, já que elas foram cerzidas, não para um enxoval, mas para aquilo que se exige o entrecruzar dos bilros e suas linhas a tecer rendas. Como? Trançadas com alfinetes num pique de rendilheiro, num açafão andarilho. Eis o convite. Aceitar, é assumir o desfiar das palavras ou seria o farpar dos tecidos?

## **2 Poesia: um cotidiano das palavras**

O humano é o ser da palavra, ele se disfarça na palavra e nela busca a alomorfia de ser poesia. A palavra do humano na tentativa de ser poesia se desdobra, mas a poesia se mantém poesia, pois ela é e é, antes de tudo, o desejo antropológico do humano em se fazer de palavras. Já a poesia no princípio de tudo é o humano, que em escavações na busca de sua expressão, cria a palavra para se fazer corpo de palavras, mas nem toda metamorfose expressa a poesia senão quando carregada de liberdade. Nietzsche (2008, p. 30) questiona se a “linguagem é a

expressão adequada de todas as realidades”, contudo, a palavra criada é palavra em movimento, assim não precisa ser esquecimento, mas um devir humano.

Tudo o que está no universo é importante e o que ainda não está é invenção do humano. Manoel de Barros (2003, p. 22) disse: “Tudo o que não invento é falso”, nesse sentido, não é falso o que invento e o que é inventado é existente. O que tem nome e mesmo o inominável não precisa estar num determinado lugar, não precisa estar aqui ou ali, em que esteja já é movimento, sopro. Contudo, o que se movimenta e diverge do convencional produz uma tensão entre um outro caminho e a permanência no mesmo lugar; é assim que o desigual impõe eclosões pelo confronto a que se propõem a natureza dialética das coisas. A memória inventada do existente guarda a história e ela é sempre memória do tempo, esse lugar em que nenhuma invenção é dissimulada. Eis aí a tempestade que irrompe do silêncio em palavras, condição e fragmento do movimento como resposta.

Picon (1953, p.30), afirma que “as estrelas, para existirem, não carecem nem do olhar humano, nem da cosmografia. As obras de arte, no entanto, não existem senão pelo fato de existir um espírito que as acolhe e as ordena”. Eis nesse lugar, a percepção de que a poesia poderá estar em qualquer dimensão de suas liberdades, porém sua liberdade de existir se condiciona à percepção humana, precisamente, porque também dela procede.

Paz (1982, p.15) apresenta um espiral de termos, em que a poesia poderá assumir uma perspectiva de um ser-estar-agir aproximando e se distanciando de categorias de ações e emoções. Para ele, a poesia também “é conhecimento, salvação, poder, abandono”. Nesse espiral de ser-estar-agir, emergem possibilidades que abarcam desde a inspiração até a de negar a história, sem, contudo, abdicar de que a poesia é uma “Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza” (PAZ, 1982, p. 15). Nesta afirmação - ser uma atividade transformadora - confirma a presença do humano.

As afirmações de Picon e de Paz conferem, entre outros, a demarcação de que a poesia, na multiplicidade de sua classificação é produto do humano.

Borges (2000, p.26) diz que toda tentativa de definição de poesia pode nos tornar mais frágeis e, mais importante que definir poesia, é sentir e desfrutar tudo o que sabemos a seu respeito. Ele, ainda, apresenta uma passagem de Santo Agostinho que diz “o que é o tempo? Se não me perguntam o que é o tempo, eu sei. Se me perguntam o que é, então não sei” (AGOSTINHO, 1964, p. 322). Entretanto, o tempo como um fenômeno próprio dos universos é atemporal ao nascimento do humano, mas é infinito à existência do humano em sua construção de me-

mórias. O enunciado de Santo Agostinho permite mudar o fenômeno sem mudar a essência. Se me perguntam sobre o que é poesia, posso responder da escuridão de minha contínua procura, de que já não sei. O que sinto é que a poesia não se ajoelha ao tempo, mas comunga de sua existência e com ele mantém seu despudor de flecha num artil de sagacidade à percepção humana. A poesia como produto do trabalho humano se antecipa no pensamento deixando-se transformar pela consciência de não-lugares. O externo do humano implicado na poesia decorre dos fenômenos da natureza e sintetizados na ciência em movimento.

Neste texto caminharei entre rédeas desse fenômeno indomável, na sugestão de sentir a compreensão da poesia<sup>2</sup> como uma linguagem que se faz de sentidos e de significados diversos, em todas as partes do organismo e, como decorrência de uma atividade humana, é apreendida e produzida como trabalho intencional.

Na atividade da escrita, alongo a ideia de que o texto poético é um trabalho que se produz como uma possível resposta aos sujeitos de palavras ou ao recolhimento de uma digestão de discursos e palavras reinventadas. Em particular, a poética se faz com a palavra pescada nas entranhas do cotidiano. Nietzsche (2002, p. 275) ajuda a questionar: “Quem será fígado pelos peixes mais profundos e escondidos”? Contudo, é na lida com a vida diária que o sujeito no cotidiano se desvela do seu interior no confronto com o seu exterior. O cotidiano como lugar de um não-lugar ou de suas várias possibilidades é um ambiente em que a poesia pode se manifestar para reivindicar suas percepções e seus contraditórios apreendidos, pois se apropria ou se reapropria nas maneiras de dizer e de ser dita.

O não-lugar do humano da palavra, da poesia, constitui esse acontecimento em que se identifica e se localiza não somente como um território definido, mas também indefinido, portanto mutável como uma teia flexível e não rígida que permite estar se movendo como leitor, autor, como espectador, como fenômeno, como prática de linguagens aprendidas e desregradas, mas sempre com o eu e com o outro num fluxo contínuo em que a dualidade é sempre viável, num social que carrega heranças as quais se incorporam a vida em sua avidez.

A poesia é um caminho talhado nas tentativas que o humano abriu em suas múltiplas percepções, feito de representação na escrita, como reapropriação dos sentidos e significados

---

<sup>2</sup> Este ensaio não tem por objetivo discutir, nos diferentes tempos e seus signatários, uma compreensão, se é que seja possível, conceitual da poesia, contudo para um outro olhar sugiro a obra “*O ser e o tempo da poesia*” de Alfredo Bosi, cujo conteúdo, entre outros, transita por diferentes tempos sobre o ser da poesia. São Paulo, Cultrix, 1977.

do cotidiano apreendido. Importante aqui lembrar da polaridade dos objetos e das objetivações humanas. O cotidiano reclama o não-cotidiano, uma vez que “[...] a vida cotidiana se faz mediadora em relação ao não-cotidiano [...]”, (HELLER, 1977, p. 25). O não-cotidiano coloca em movimento aquilo que já está assentido e, nesse movimento, busca um diálogo com outras experiências do humano. Esse movimento recíproco entre o cotidiano e o não-cotidiano é sempre um desafio para o humano no percurso inconcluso de sua humanidade. Viver para depois desconstruir e depois rearticular formas de pensar e sentir o mundo, somente é possível a partir de um não-cotidiano carregado de histórias e experiências as quais permitem refazer aquilo que o cotidiano deseja domesticar.

Do não-cotidiano à poesia, que permanece em sua ontogênese inapreensível e selvagem, encontram-se ramalhos do porvir de outras consciências capazes de achar os não-lugares. A poesia é essas muitas coisas, mas quero afirmar que a poesia é sempre um trabalho, e como produto humano é uma atividade poética intencional na qual se funda o seu caráter de transformação do cotidiano, tendo como um de seus lugares possíveis esse outro não-lugar: seus interlocutores de palavras e contrapalavras.

A poesia como linguagem também se expressa por meio da palavra escrita que é apreendida e nomeada como uma das formas de comunicar um fenômeno. Aqui a linguagem como metáfora é uma reapropriação das palavras, mas não constitui uma tradução dela mesma, é sempre recíproca dos não-lugares, pois desarrumada do exhibir-se em vaidades, reaparece sem extenuar sua origem e é assim que se faz sempre inconclusa. A metáfora é o indício de outra metáfora e não cessa de fluir porque no tempo está o humano de seu existir. Já a reapropriação da palavra na escrita pode sugerir um amálgama entre a palavra e o que é “não-palavra”. (LISPECTOR, 1998, p. 3)

Os modos de escrever fazem um texto dentro de outro texto em que as palavras tecem fios de compreensão e de imaginação com outras palavras, é isso que lança a dúvida de um dito poder ser desdito, é esse não-lugar do processo criativo - ocupado e carregado no excesso de presença - que alonga a incompletude das palavras. Eis aí o início do diálogo.

A metáfora é o modo de significação de uma realidade, é uma combinação possível e, também, de possibilidade contraditória do fenômeno apreendido e, assim, reapropriado em seu dizer. Esse dizer, particular de cada um, se permite ser uma metáfora, um lugar vivo e em movimento de diferentes coisas. O importante é o sentido dado pelo interlocutor que se atreve a profanar, e assim, “restituir ao livre uso dos homens” (AGAMBEN, 2012, p. 44), o reapropriar-se

desse lugar vivo dos quais nunca se escapa aos possíveis campos cognoscíveis do diálogo. É assim que a metáfora se apossa do não-lugar pela desconfiança sobre o já profetizado. A metáfora, como uma perspectiva do desafio, alerta para a inocência das coisas proibidas porque para o ignorante é apenas o lugar do exótico e para o pescador é um oceano.

A metáfora é sempre emigrante do lugar para o não-lugar para onde se desloca, não por abandono de suas raízes, mas na busca de compreensões e, justamente, de (in) compreensões que carregam como fonte de significados. Dualidade? Não, tem substâncias não isoláveis na percepção do movimento humano.

A poesia, como atividade poética, indaga um fenômeno e nele espelha a metáfora como experimento, coloca em movimento um não-lugar como capacidade de transmutar fenômenos e realidades. A metáfora no espelho já é outra humanidade, uma vez que o reflexo se ilumina para além da moldura. Eis aí o produto do trabalho humano, essa via da sugestão que igualmente transforma não apenas aquele que diz, mas também aquele que lê, e assim apreende a metáfora como a sua capacidade de estar num lugar em movimento.

Somente quem invade o costumeiro jeito de remar, posto que “navegar é preciso, viver não é preciso” (PESSOA, 2006, p. 146), tem a possibilidade de apreender a poesia não apenas como uma recusa dos sentidos físicos e simbólicos dos fenômenos característicos do cotidiano, mas também como um líquido inapreensível que escapa a prisão de convenções. Esse irromper já não é *preciso*, mas sim *impreciso*. E, assim, quem vê na poesia apenas uma metáfora e a ela impõe qualquer tipo de restrição, ainda não superou a palavra e o texto linear. Nesse estágio primitivo, não aprendeu a dialogar com a polissemia do mundo. Navegar é uma atividade humana do viver e a palavra, desde que constituinte do seu desaparecimento, passa a ser expressão de uma manifestação histórica. A palavra é uma linguagem e é uma linguagem de humanidades.

### 3 O humano: metáforas da poesia

O humano se faz por míseras migalhas de sua vontade, pois deseja a liberdade. Esse desejo é atemporal de desafios em busca da própria humanidade; no entanto, seremos sempre primitivos diante do porvir. A lua registrou os eventos humanos, depois, o calendário lunar em seus estágios nominou suas conquistas. Dos bárbaros do sol nascente às barbáries do contemporâneo, vem se fragmentando em tentativas de ser múltiplo e ser uno, para muitos, um niilismo diante dos muitos universos. Assumimos o humano como múltiplo de eus e outros constitutivos

entre si, de uma raiz que não o estanca, antes, que o deixa vaziar e nesse espalhar-se o humano se faz em imensuráveis textos de palavras em não-lugares; “textos que não são absolutamente idênticos”. (KOTHE, 1986, p. 66)

Um texto nunca é um texto do eu, mas é um texto carregado de palavras de outros. É um hemisfério que polariza em confidências, dualiza narrativas, maldiz a unidade e diante da brutalidade que busca domesticar, faz cisão com a realidade do seu cotidiano e dali segue infinitamente a constituir-se memória e história. Assim, um texto e nele as mutações culturais das palavras impõem a captura de novos sentidos à janela do acontecimento. Somente aqueles que observam do genoma interior, a construção dos fenômenos sociais, hão de aceitar que a noite que chega é muito mais que a escuridão, não é mais a máquina, é o tempo.

As formas rígidas no corriqueiro cotidiano aprisionaram a uma forma hermética de comungar palavras, as quais somente erigiam suas verdades nas mãos de eclesiásticas bocas. O tempo nunca foi horizontal, ele é inverossímil em sua atuação, exige que o ritmo da vida seja uma convulsão de hibridismos, exige presença e abertura para o imaginário. Sem a rigidez da estátua, o tempo é reflexo permanente no ir e no vir e é, também, no relógio presente. O cotidiano dos acontecimentos decorre da transpiração, do suor, metáfora e desafio do transudar o pensamento.

O tempo não descuida dos regramentos, mas afirma que uma veracidade nunca está na obrigatoriedade da forma. Engana-se quem afiança o tempo num passado fixo e sentencia que em algum antes eram dados os elementos do texto em suas cuidadosas formas e bem alimentadas palavras, e que de lá se aninhavam e eclodiam precisões. Engana-se quem determina que somente num hoje, temos um tempo carregado de provisórias em que as palavras já não se submetem a uma única forma. O porvir do humano está em seu processo constante de humanização, de movimento e, nele a atividade poética como atividade humana; logo é do humano antecipar em sua linguagem o ato de criação do ainda ausente e de criar todas as incertezas.

O ato de criar o novo, o inusitado, o surpreendente, o repulsivo e o avesso são de exclusiva capacidade do humano e com isso o essencialmente genuíno, inédito, tende a oferecer novos sentidos e possibilidades. Esse ainda ausente inunda o imaginário e permite compreender as diferentes formas das coisas se apresentarem. O mesmo imaginário que instaura o novo é o que surge incessantemente nas coisas que estão no mundo. A realidade e o imaginário são indeterminados. “Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos”. (CASTORIADIS, 1986, p.13)

O novo que se faz pelo agir imaginário da criação é requerido e confronta-se com o já existente distanciando-se de sua forma convencional de interpretar um fenômeno numa realidade que sempre se movimenta. O fazer-se novo no agir criativo pressupõe a leitura da história como um movimento que projeta o eu individual para um eu coletivo, para um eu no outro em dimensões de emancipação, num desacordo de contrapalavra.

O humano que se faz na atividade poética é o que surge do encantamento entre as energias divididas e as atrações do acaso. No acaso de seus limites, com brinquedos infantis deseja superar as ignorâncias pela unidade cósmica. É esse humano que no manejo de confidências com sua ontologia escava a desconfiança de sua origem na poesia. Não há nenhuma mistificação de realidade, a palavra é o signo que se expande nos movimentos do humano que deseja se reconhecer poesia. Esse signo na linguagem é o seu todo indissolúvel de significante e significado, é de natureza dialógica já que nenhum enunciado constitui um ato isolado, mas se dirige ao outro e dele tem uma outra reciprocidade; é polifônico porque contrastam num conjunto de ideias, pensamentos e palavras. “As palavras estão carregadas de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. (BAKHTIN, 1997, p. 95)

As palavras dirigidas a um outro ressoam um eu e se inundam de diferentes compreensões e nisso fundam seus lugares e não-lugares com as ideias de que os tornam vivos. Entre a revolta e a afluência dos encontros cenestésicos, desvelam-se os tropeços do humano em palavras. Esse ser distante de sua origem tornou oco o interior de suas muralhas pelo pacto entre os iguais. Nesse acordo egoísta, derivam-se as ironias da poesia. Desse modo, nas trilhas que se acoçam, um indicativo de aviso: não descuide do contexto e de sua emersão, mas também não se engane no simbolismo de sua sedução. Eis aí a pulsão, eis aí a poesia.

Poesia e barco constroem o mar. No imaginário humano, é preciso navegar e para isso o imaginário constrói os remos. A poesia é sempre um agir de justiça em favor do humano que se faz social, não se rende à mercantilização, não toma corpo de mercadoria e por isso mesmo, na acidez crítica ao combater as embarcações clandestinas carrega a morte social, mas não arremonta o signo de trabalho improdutivo.

O trabalho produtivo na perspectiva do humano trabalhador é aquele que reproduz desigualdade, pois se “contrapõe ao próprio trabalhador os valores que criou na forma de capital”. (MARX, 1980, p. 391)

Eis aqui uma polaridade que não pode ser negligenciada, enquanto para o humano o trabalho produtivo é a única possibilidade de garantir a subsistência e o conteúdo palpável de

vida, para o capital é produtivo tudo o que produz a mais-valia e as suas recorrências. No revés do improdutivo, carrega-se o produtivo, visto que a cegueira não significa a ingenuidade daquilo que se repete e que o torna produtivo. É a arte improdutiva<sup>3</sup>?

Diferentemente do que se possa afirmar ingenuamente, diante de um mundo qualquer, o canto não se esgota na atividade poética, antes constitui seus desafios nos lugares em que prolifera a acomodação. Contudo, o canto que faz metáfora da voz se encharca de palavras polifônicas e enfrenta suas improdutivas insinuações para se fazer canção em não-lugares.

Essa é a função da poesia: como trabalho humano não se esteriliza a essa conversão de mercadoria. A forma e a substância circunscrevem a voz e a melodia que no seu cantar se amplia, mistura o pescador ao oceano enquanto o produtivo se torna incapaz de se traduzir em qualquer poesia.

Não se trata de questão de engajamento, pois [...] “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico [...]” (BAKHTIN, 1997, p.31). Mas, antes de defesa da arte sobre a política nefasta de sua banalização, uma vez que toda defesa é sempre ideológica, explícita ou em construção. Essa defesa que nomino de dialogia é marcada por princípios incondicionais de inclusão que produz a linguagem como sendo vida humana.

Nesse ato de criação, a palavra conhecida perde a força, institui-se uma outra raiz uma outra forma de poder, pois confronta tempos e navios que afundam a tentativa do humano, pois é o humano - o ser da palavra. A poesia é o humano que se verbaliza e ecoa seus princípios vitais. É o humano em seu próprio rio, em que a palavra é o seu remar que grita por liberdade, ela é, por assim dizer, uma outra palavra enquanto o humano se faz de poesia.

Nesse diálogo, entre várias vozes, é oportuno falar da arte que se impõe a transformar o cotidiano dos acontecimentos para não se destituir “a arte de ser o que ela é”. (FISCHER, 1987, p.20). Ao refazer uma margem dessa enunciação não se altera o sentido do seu dizer, mas ao constituir-se polifônico se acresce uma contrapalavra de que a magia não é outra coisa senão a atividade poética como produto do trabalho humano. O lirismo e a carniça estão nele. No tempo presente, dilatado de tempos históricos, a imagem do humano permanece com os aromas de

---

<sup>3</sup> “Uma cantora que vende seu canto por conta própria é um trabalhador improdutivo. Mas, a mesma cantora, se um empresário a contrata para ganhar dinheiro com seu canto, é um trabalhador produtivo, pois produz capital.” MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico* (Livro IV de O capital). Vol. I. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980, p. 396.

seus conservantes, de sua natureza. O humano deseja ser sempre mais que a soma das suas experiências como humano seja no registro da história seja nos sentidos dela, ele balbucia um ser de humanidade sem perceber-se em marcha para a sua condição a qual “compreende e condiciona as atividades humanas”. (ARENDR, 2007, p.17)

Talvez nessa arena de embates em que os movimentos geram atividades, os sentidos que estão no âmbito da terrenalidade e seus condicionamentos, decorrente das promessas da modernidade, possam indicar que a libertação do trabalho, aquele domesticado e opressor do humano, seja o protagonista de vidas produzidas no confronto: sonho de que o trabalho liberta. Eis aí uma prisão e suas objetividades.

A poesia é um trabalho de não-lugares. É na agonia dessa condição que a ausência do pensar alimenta as violências com as ausências de liberdade. Aqui a polaridade é cruel e o cotidiano encontra a metáfora do humano como poesia de uma ideologia.

O humano é esse signo polido da explosão em desenvolvimento. O humano busca sua liberdade e transforma a palavra em sua indomável contradição. Em palavras proferidas em não-lugares vai se desenhando em poesia que é o que ele busca ser.

#### **4 Liberdade: poesia incompreendida**

Eis que a poesia é o humano ou o humano divino? A palavra liberdade, por mais escovada que seja, espelha a sua aparência, após ser cerzida nas entranhas por tessituras dela mesma, passa a existir no humano como poesia. Aqui está a dialética da plenitude da história: “os homens são livres – diferentemente de possuírem o dom de liberdade – enquanto agem, nem antes, nem depois; pois ser livre e agir são uma única e mesma coisa”. (ARENDR, 2005, p. 299). Desde cedo, a poesia compreendeu que ser o que se é, é um princípio estético de extraordinária polidez e de volumes indescritíveis na formação do universo e seus não-lugares. Mas essa compreensão do que se é, somente é possível por meio do desvelamento da percepção do humano junto ao outro, em ações de coletivo. O agir com o outro exige decidir com ele no lugar do não privado, nos lugares transitórios e não ocupados. Essa ação de liberdade transcende as subjetividades narcísicas e se funda num mundo comum como princípio universal.

A tessitura de liberdade não se funda na ideia de paraíso, mas é essencialmente o encontro e o enfrentamento consigo mesmo, com o outro e inequivocamente junto ao outro, num

espelho ampliado e com sua realidade percebida, sendo a liberdade uma arquitetura antropológica e de ação intencional e, por isso, ela rejeita regulações contextuais em níveis de força e poder. Guimarães Rosa (1988, pp.119-121) nos diz que “O espelho são muitos”, pelos quais podemos indiciar que o imaginário faz duelos com o real, esse real que tencionamos tocar. Nessas ações inexoravelmente humanas, é preciso compreender que “força e poder” duelam sempre. (ARENDR, 2010, p. 31)

Existem alguns sinos e reclames em torno do caminho marcado pelas palavras; porém, cada palavra é também um universo autônomo o qual somente se consegue expandir pela inexistência de limites e exílios. A palavra é aquilo que diz na sua condição primária de se inaugurar no humano. Quando esse humano, encantado de poesia e livre, em sua condição de passageiro, acolhe autoridade às palavras que agem e se juntam aos movimentos emergidos nos não-lugares, ele segura as rédeas da servidão primária - consciência para se fazer vontade no universo de estrelas.

Há ainda as exigências de polaridades, contudo, que a poesia seja o infinito de frio e quente, poente e nascente, pois abre o caminho para refazer o transitório, a sua extremidade de possibilidades. O transitório é essa massa disforme, maleável e fluida em que está o princípio a transigir e a transitar. “A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível [...]”. O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu ser-livre” (SARTRE, 1999, p. 68).

Estar livre não quer dizer renunciar a si mesmo, mas enfrentar o seu fazer de modo a impor sua existência. A liberdade é a potência do humano se constituir e de se afastar de sua instintiva animalidade. A decisão como atitude de um fazer é o que desvela a liberdade como constitutiva de diálogos e de palavras que o humano produz com ele e com outros e, consequentemente, deixa como herança. Eis aqui a memória de que o transitório também é herança e se inscreve nos inventários das irrealizações, da transitoriedade e, também, da sua inversão. O transitório é o não preenchido, é a possibilidade do movimento, do território não ocupado do construído com o coletivo na ação pensada e articulada para a liberdade. Heidegger (2001, p. 42) disse diferente: “O vazio é o livre não ocupado [...] o espaço pode continuar livre mesmo se for ocupado”, essa estranheza com o mundo, com o não-lugar, nos indicia a liberdade.

A palavra nunca vem vazia, pois está encharcada de vozes, sentidos, discórdias e silêncios. A palavra é sempre permissiva em ser morada de múltiplos e é, assim, que o seu não-lugar também ocupa espaço transitório, pois pela enunciação do humano faz o movimento a ser pre-

enchido e mais volumoso. É, dessa forma, que o poeta como morador na palavra se torna o seu assediante. Eis aqui o precipício do lavador de palavras: a palavra polida refletirá em outro espelho e nele outra imagem de significados e significantes. Ao ser lavador de palavras, o poeta passa a habitá-las com novos sentidos. Manoel de Barros escreveu assim: “Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos”. (BARROS, 2003, p. 17)

A liberdade é uma disputa. Prisioneira e algoz de lugares e não-lugares. É assim que o transitório deve ser apossado, como um lugar de posses. Não como constituído do nada, mas por estar esvaziado de seus movimentos. No transitório, há sempre de se escavar as memórias e suas histórias para desvelar sua passividade ao combate. As renúncias fazem do transitório esse lugar de esvaziamentos, contudo, logo ali um outro possessor.

Das antigas cavernas até os palácios urbanos da atualidade, a representação do outro no esqueleto do eu assume a arte dos disfarces em que as caricaturas do baile de máscaras, no qual é preciso criar um espetáculo de polifonias para transfigurar o espetáculo e, depois do ser inundado de promessas indefensáveis, o ser linguístico é facilmente manipulável na captura de uma realidade que apreende em seu particular interesse para torná-la consumo e mais-valia. O lucro é sempre o pegar-a-mais de alguém. Aqui não há possibilidades de esquecimento nas tentativas de permuta do solipsista por liberdade. A liberdade é movimento e é partilha!

A palavra mascarada pela mais-valia articula um modo de vender o paraíso. Os registros históricos deveriam recuperar todos os movimentos do tempo para que o passado pudesse ser carregado sem ser lâminas nos olhos do rio que carrega suas margens. Esse tempo desprezado não desaparece, mas entoia um cântico de tradições selvagens. A máscara não renuncia, apenas disfarça o original de um eu mesmo. Aqui solidão e solitário se fundem num pensamento individual, único. Solidão e solitário dizem dominar a realidade. Aqui emerge a fixidez, o não-movimento. Na rigidez não há liberdade.

A palavra quando não diz o que deve ser dito fica manhosa, ela se espraia, alonga-se e disfarça sua intenção. Veja, não me refiro aos modos da palavra ser dita, digo que a palavra precisa ser ela na intenção do seu dizer, pois a palavra no modo carinhoso também carrega em si desfiamento de temperos venenosos no tempo. A palavra que não é livre para se expressar na ação mantém o humano como estandarte e faz persuasão da poesia como refém.

## 5 Palavra: linguagens de liberdade

A palavra não é um enigma. Os fenômenos trazidos no além das madrugadas anseiam pela captura do imaginário. Há quase sempre um desdém quando o conflito dos fragmentos se opõe de forma estrangeira nos dicionários arranjados.

A palavra assim como a flor também tem seu genoma. Uma flor é sempre uma flor. Mas uma flor não é o seu determinismo. Assim, uma Rosa nem sempre será apenas uma Rosa. Existem Rosas que mostram o cortejo do exílio e dos caminhos que sangram por liberdade. Nenhum campo terá sua certeza senão pelo perigo e destino daquilo que poderá vir a ser o novo e o justo.

Existem Rosas que calam, criam outras vozes *telepáticas*, que são *cálidas* e são anti-rosas. A Rosa de Hiroshima (MORAES, 1954), com rastro de morte e animalidade, despe a crueldade do humano. Essa Rosa compra força, poder e mata. Nessa Rosa, a fumaça será eterna, nunca desvanecerá, porque sempre será história e memória de animalidade e dor.

Uma outra Rosa, a Rosa Vermelha mostrou que a liberdade não está num determinado lugar, mas em todos os lugares possíveis de caminhos e atalhos. Essa Rosa de Luxemburgo fez a semeadura e a colheita de mudas de mundos diferentes, encontrando nas mãos oprimidas um caminho de consciência que se alarga. Essa Rosa não se esvaziou, uma vez que a liberdade arregimentou a traição, que seduzida pelo afeto da covardia lhe deu um assassino. É assim que a liberdade apreendida sangra no eu com o outro e passa a ser vivida como a “liberdade dos que pensam de maneira diferente”. (LUXEMBURGO, 2007, p. 76)

Essa Rosa Vermelha de Luxemburgo é o humano em poesia e em metáfora. Desejar ser essa Rosa e o seu fazer em outra palavra é mercantilizar o desejo de se rebelar e depois silenciar pela miséria do nada. Lá, no lugar do nada, o ser pode ficar aquém do ser poesia, torna-se um verso livre e hostil num universo que se faz em contraditórias certezas. A interpretação de uma realidade é sempre uma oportunidade da experiência do humano para desvelar-se em todas as dimensões da vida. Toda liberdade prende em si uma consciência que vem do outro (BAKHTIN, 1997, p. 378). Todos somos recuos?

A palavra revestida de mais-valia é a negação da poesia, pois não existe humanidade em campos exilados. A palavra, no mundo particular do capitalismo, é manipulada na forma de cooptar renda e mais-valia. Subsumida de sua gênese se transforma em opressão, é lapidada para o interesse privado e para negar a liberdade. Depois de explorada, morre sem significado, bem como o defunto e suas cinzas são nefastos como herança. A palavra Rosa Vermelha em tudo me diz respeito e cruza se aproxima de uma premissa de verdade, que escavada mostra seu trabalho e se revela em amálgamas, polifonias e poesia. Ela vem de espaços transitórios que precede à inspiração. Capturada fora da realidade, assume a forma sempre sedutora, infiel e enganosa, já que representa a raposa naquilo que não é. Veja a imagem da cortiça que navega ao fluxo das ondas até ser apreendida pela força voraz do mar, ela nada tem de inspiração senão ser acarinhada em seus braços. Quando se possibilita a palavra transformar-se em liberdade e ir ao encontro do humano, a aparente representação das experiências se afasta de sua forma rudimentar e carnavalesca, pois é a fluidez dos movimentos que dialogam com a existência da polaridade dos signos naturais e humanos. É assim que a representação dessa Rosa Vermelha será poesia quando penetrar a consciência.

A palavra como linguagem de liberdade é o produto do humano e, como produto, é arte constitutiva de liberdade. Desse ponto, não se advoga o controle da criatura, mas a análise dos mecanismos de sua operação. Ela sempre opera uma polissemia, um jogo discursivo, polarizado de suas variáveis, de suas incógnitas, mas sempre dirigidas ao humano que por sua condição flui de movimentos, confunde a autonomia do poder discursivo de que se reveste a forma, porque as palavras aparentam a condição inconclusa do humano e não há como lhe imputar erros, pois é constituído de experiências desde a sua eclosão no universo até sua organicidade por conceitos desregulados de ciência. O movimento é a realidade e a realidade é uma linguagem do eu no outro e, é por isso que toda linguagem é sempre um novo início de vozes, sons e palavras de liberdade com os indícios de todos os seus interiores e arredores, uma realidade advinda “da atividade da imaginação”. (VIGOTSKI, 1999, p. 129-130)

Assim, reescrever ou contar o fato não é outra condição senão uma imitação da experiência. Recontar e reescrever constitui uma imitação da arqueologia. Aquilo que dorme no jeito próprio e único de ter sido. A partir daí surge a poesia como a profanação da palavra, como um território não domesticado e; portanto, não se converte em mercadoria, pois sua constituição é imperecível, sendo o imaginário uma das experiências de maior uso na esfera das palavras, nela a poesia transgride qualquer possibilidade de consumo, uma vez que é genuinamente liberdade

e não o alimento da forma que sacia a fome. “A experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisamente a sua liberdade essencial”. (PAZ, 1982, p. 232)

A poesia estética e ética desarticula o valor do consumo. O consumo é a anti-linguagem. A palavra na linguagem de liberdade é a ética da percepção, o único signo autêntico do registro capaz de conter algumas lascas turvas da memória, estandarte do movimento no mosaico das palavras. A palavra, como desenho de algo, nada mais é do que a tentativa de apreensão do inapreensível. Da captura do artista, faz-se a arte plena de infância, tendo em vista que para ele sempre haverá a lacuna nos movimentos do descobrir. A inconclusão é o destino.

A carruagem que utiliza a ética da memória conduz o físico e o simbólico, agrestes em busca da correnteza dos rios, presença onírica e profana. A experiência do real carrega também o imaginário, nele uma fenda aberta para o erro e para o nada. Eis que o erro é divinamente maior que o nada, pois houve tentativa; no nada a palavra fica embaçada e não vai além das promessas da eclosão.

O retrato do corpo, com a sensualidade e a sedução que umedecem as fibras da pedra, é apenas a percepção contida no pensamento. Aqui reside uma palavra: aquela que é sensível e encontra no olhar das pedreiras o desejo de liberdade. Encanta-se por meio das tramas da vida profanada e no campo dessacralizado haverá menos turbidez na fluida experiência poética.

Em labirintos estrangulados a Rosa Vermelha dos oceanos anuncia: a liberdade não está nos lugares em que a poesia é oculta. Na vermelhidão de glândulas e de luz, desfia os caules e seus sobrantes que tombam de olhos abertos. As marés de convulsão carregam o inimigo, pois é o assassino que habita a desigualdade. Somente as pedras fazem a primavera florir.

Aqui, onde a ética encontra o seu destino é possível uma paragem para que a poesia, como um fenômeno sempre inacabado, realize e encontre sua infinitude nos olhos de quem a queime tendo por fim um amálgama em seus códigos genéticos e estéticos.

## **6 A estética inunda o imaginário**

O humano, esse verbo antigo com suas múltiplas rasuras na pele interior, traz as especiarias das ancestralidades do tempo infinito e com ele renega sempre a ausência dos sentimentos. Aqui a cobiça da aparência sempre a engana e excede o sentimentalismo para construir a emoção. O que vibra no humano é a certeza de que a emoção não carece de rédeas, ela é uma

carruagem que desliza o caminho mansamente e que, por vezes, transforma-se em abóbora por encantamento do gozo.

É por isso que o imaginário precisa de um baú de roupagens, é sempre político por decisão em todas as suas camadas. Parece imperativo? Não é, é a dialética que de sua perna esquerda fratura os desejos significantes de atingir o centro do transitório, pois é a aparência que cultiva palavras suicidas, sendo a realidade, ela própria, o signo da transformação. O mundo e todos os seus objetos não são apenas um carnaval.

A estética também se ocupa dos lugares fatigantes e demorados, de lugares a serem ocupados como pausas. Os lugares de sentidos suspensos são “lugares de escuta” (LARROSA, 2016, p. 25), e por temporadas podem se fazer de indeterminados como contingência no existencial de liberdade de onde resulta alguma experiência como possibilidades para o gozo das travessias em que o humano encontre beleza e tempos em que possa se demorar mais.

A estética da liberdade é esse gozo das travessias que o humano experimenta quando devagar se estende na lentidão e aprende que é possível nela a percepção do escutar as delicadezas e as gentilezas do viver a beleza do não percebido que o tempo corrido oculta.

Para a estética se fazer inteira é preciso forjar pausas e lacunas ao movimento dos diálogos que lhe escapam à compreensão. Eis que o humano compreende a mensagem, já que dialoga com todas as entranhas do universo, refuta o corpo fechado e abre-se para as notas polissêmicas. Para esse caminho, aponta uma seta que vem como mensagem de outro para os tecidos do eu, se não fosse a arrogância, a aparência poderia ter também sua autoria.

O humano faz o cotidiano como acontecimento e esse é o não-lugar do imaginário na atividade poética, desvia na metáfora, como uma das linguagens de compreensão da vida, e esboça ali seu percurso de parágrafo inconclusos, “uns mais próximos e outros mais ao longe”. (GUIMARAES ROSA, 2001, p. 115)

Por outro lado, a estética passa por lugares em que as coisas parecem ter rasa importância, mas suas reminiscências tateiam nos personagens que as palavras esmeram, é assim que suspendemos no espelho o olhar de travessias que o eu faz para se escutar no outro.

Aqui a realidade como transformadora dela mesma assente a presença do outro, do eu e do porvir dos enunciados recriadores da realidade. Anuncia-se aqui a dialética e com o gozo da contradição: o que se inaugura nunca é o princípio do agora, mas sim a ancestralidade do antes, da lentidão e do raso que sempre é mais perto e menos infinito. Esse é o belo de que nos fala o poeta, e de “repente se aprende [que] tudo o que é bonito é absurdo” (GUIMARAES ROSA,

2001, p. 405). A palavra aprende que além de aparência lhe seguem gestos, sons, feições, verbos de diferentes tempos renovados e que, por vezes no descuido do tempo, flerta com a incompreensão. A palavra de estética de modo algum é vazia e nunca se faz unívoca, é transitória e, por isso mesmo, não enseja somente um único significado daquilo que era antes, o enunciado, mas também não é agora somente o denunciado. Contudo tem sempre seus fragmentos em forma de memórias “separando o “nós” de “eles”. (BAUMAN, 2009, p.83)

As promessas de um mundo cada vez mais imprevisível pretendem um caráter líquido que se desenvolve pela competitividade e no fazer consumo desloca o humano do seu tempo de viver e o projeta para uma fugacidade sem lastro e sem marcar sua história na história da humanidade; que substitui pelo abandono de vínculos as vigílias do eu sem domínio desse eu.

Os fragmentos que separam os mundos somente podem ser remontados pela apreensão dos tempos sem a ilusão de espaços arruinados, mas sim de experiências que latejam os desafios e os esquecimentos. O diálogo estético referido é o endereço do mundo, um mundo tão infinito e intersubjetivo no qual o humano é a palavra com as suas múltiplas aparências as quais passam a constituir a realidade – reflexo do movimento - esse som de sinos que vai e vem, se refaz, volta ao princípio e se afasta, essa realidade como um som grave e suave em suas contradições, como infinita de suas transformações. O diálogo estético, essa reunião de palavras, é sempre uma reunião de polissemias com as suas ancestralidades. É, assim, que para a contradição, escudeiro de equidades, não existe mera aparência posto que ela é real, sua existência institui a diversidade que não se anula pelo reconhecimento de que aquilo que aprisiona tem em si a polaridade da libertação de um nós que carrega a eles.

As polaridades requerem caminhos de ligação pelos quais as dicotomias não sejam as lacunas e as separações, mas sim um processo de emancipação no qual a felicidade não seja mera escala aritmética. Eis aqui que as determinações não são determinismos, mas antes um complexo universo em que o humano estético e a aparência do humano dialogam com suas existências e com suas contradições.

É o invisível que emerge do humano e que deseja ser capturado pela aparência para que ambos constituam a singularidade e a unicidade dos signos aparentes e terrenos, em que as aparências possam ser visíveis nos lugares não ocupados. O invisível renuncia qualquer adjacência de neutralidade e busca nos complexos raminhos a contradição do real. Agora, o que surge é o cortejo pelo fascínio, contudo o humano afirma ser mais que a aparência em busca do eu que já se fez solúvel ou que nele perdeu seu granuloso. Esse se tornar líquido o dissolve na

arena de lutas e a estética como sentido universal desmaia em solidões. Rompe aqui a identidade construída, a palavra ora arrastada, ora costurada vai flutuando em imersos abismos de uma modernidade e suas incertezas, em que se misturam o tradicional e o moderno em busca de uma estética que ainda não tomou posse de novos-lugares.

A maturidade necessária das experiências requer tempo, uma quantidade de horas e luas. É como a saga da sabedoria que não se compra, nem se presenteia. Ela se faz com a presença do outro no fluxo interno de solidariedade, sendo capturada pelo viver, conflito e mansidão, pela plenitude do mundo, necessária para outra compreensão da palavra. Não é ela um ser de toda ficção, mas a palavra é uma identidade do humano mistificado de suas urgências e quando o efeito se afasta já é outro movimento, noutra palavra.

Não há definição objetiva do humano mesmo no revirado dos argumentos, pois as partes são apenas variáveis de um todo inapreensível, sendo ela subjacente desses gravetos móveis, frágeis e imperceptíveis, mas que contém a faísca de todo ardor pulsante. Talvez em sua esfera ou terrivelmente em seu interior, no visível ou no escondido esteja a raiz inconsciente de um abandonar-se ao riso de seus movimentos.

A palavra abandonada de estética somente é removida dela mesma por seu movimento e ressignificação, tendo em vista que nenhuma palavra escovada na polidez humana é autoritária, pois que existem palavras que saem das sombras e tecem harmonias discursivas, mesmo em sacrifícios contraditórias, em que a luxúria pode ser gozo e dor. Além disso, a palavra fragmentada pelo abandono é sempre uma palavra inteira que abraça significados múltiplos nos contextos que navegam, ancoram e partem para novas fluidas correntes, pois desconhecem as histórias dos genocídios. No entanto, a palavra pela metade já são duas palavras porque ela busca sempre a outra e mais outra para conversar com ela. É por isso que a palavra inteira nunca será sozinha, ela sempre está na presença do outro, interprete na disputa de seu poder. Aqui, o camaleão avermelha-se em sua ética cósmica reverenciando sua imortalidade no poder de transmutação em que o silêncio é encantador, pois interpreta seu movimento em seu novo poder.

As palavras e suas metades não precisam formar um todo, podem ser dissidentes, podem escapar desse destino fora de si, queimar o catecismo e não reinterpretar a fênix das cinzas. Os ramalhos das particularidades lubrificam o apetite de inaugurar novos universos, mas ao irromperem sua fonte primária anulam a potência do novo porvir em que a disputa está entre ser

brilho apartado da história. Ademais, carregar a palavra sem brilho é um simples relato dos movimentos do humano que ao se distanciar da poesia se anula em contrários sinônimos oblíquos.

Não existe anarquia em confrontar palavras abandonadas nas coisas desarrumadas da estética, existem formas de desarrumar menos nos diversos ângulos dos dizeres e da convivialidade. Não há nenhuma impossibilidade de o fragmento tornar-se inteiro. A imposição é uma prática inventada, é uma palavra virada do avesso. E é quando no revirar da memória a unidade se encontra? (BARROS, 1990, p. 328)

A estética é sempre uma experiência da palavra humana em que o ensaio da vida se faz na inexorável função política de decidir por sua liberdade em que a atividade poética funda e expressa cidades andarilhas espalhando novidades. A coisa mais bela da palavra, êxtase incondicional, é que ela é a invenção daquilo que ela quer dizer, mas ao mesmo tempo, a palavra é bastarda dela mesma, e é por isso que a palavra é sempre uma linguagem viva, uma metáfora viva. É por isso que a poesia no poema escolhe bem as palavras, quando está inteira elas carregam o universo e quando são metades, fragmentos, são diferentes mundos que se juntam, aca-salam, dissociam e vão se embora.

E o que é maior? A palavra sozinha ou as metades? Não vê? Inteira é a poesia que desabilita as metades. Elas são palavras desabilitadas que criam um universo e tudo aquilo que parece anônimo toma um nome e seus sobrenomes são repartidos em novas moléculas, como os pontos de cruz da bordadeira em que o urbano se renova no sertão e, assim, é que a memória se faz texto dentro do cesto que navega na lombada do tempo sem ponteiros.

E o que é maior? A palavra inteira é a sua metade! Quando a palavra chega ao sagrado ela regride a sua pulsação primeira. Nenhuma chuarada chega sozinha, tem sempre um complexo conjunto de elementos, cada um em sua função e formas de representação para que a seca se alague. A sinestesia da palavra procura o morador também como morada. A palavra se faz no pensamento, extrai seus múltiplos eus e quando desabilitado de asas aladas, mágicas, depois de carnificada sobra-se metade e ilhada. A palavra de estética nunca é um repouso absoluto, mas é sempre um deslize para a atitude. Ela é um ser vivo que não se reduz a um reino e tão pouco ao reino das moedas, rejuvenesce toda vez que emerge o subconsciente na tentativa de disfarces. A palavra de estética é em sua síntese e depois de tudo uma gratidão e nada mais, de resto são profanações. Quando a palavra sucumbe ao seu lugar de repetição, ela viola ao seu princípio pulsante e nisso exala a sua morte e na morte não existem silêncios, existem rumores com ausência de palavras.

Nenhuma palavra disfarça aquilo que não é! É assim que a palavra que diz bem pouco do que pretendia, emudece. Talvez carregue o peso da narrativa, mas não a que era corrente. Os sinais e as paradas eram de fôlego e não de ponto. A palavra mal expelida, tropeça na expectativa do outro e não se faz no espelho do desejo. Tudo numa fração de segundos. Depois, uma vida enorme para refazer. Nos outros tantos caminhos foi se fazendo por vícios e esquecendo-se do que pretendia. Essa palavra envelhecida nunca soube o que era o amor. Quando se abria para essa margem do rio, via logo o tropeço e as despedidas. Hoje o rio engole o silêncio oleoso e a nudez movediça das pedras afogadas. A penitência é consequência da palavra habitada e não despida. Quem há de domesticar o mar?

Toda palavra carrega em si o limiar de outra palavra, mesmo quando se convoca a fronteira entre elas é apenas uma pausa para que a dúvida se subjetive. É nisso que reside a complexa história da palavra, uma sucessão de fatos reelaborados que quando não apreendidos tornam-se algozes na tentativa errônea de afirmar que onde está o transitório, há poder. Não há!

Veja-se o tempo é sempre um caminhar no qual podemos invadir dentro da gente e vasculhar como quem perguntou a *“um estranho barqueiro”* o que trazes nesse saco tão estranho? E no desfiar do tempo, entre o solstício e o equinócio, de mansinho ouvir sua resposta: *“Trago palavras, Palavras sempre novas que pesco no Lago do Saber e cultivo na Planície da Vida”* (SILVA, 2007, p. 243). Quando o movimento se faz de história e historicidade, apreendemos um cotidiano que se desvela de não-lugares em que a palavra pode ser pescada nas intenções do imaginário, esse outro lugar de incompletudes. Quem há de pescar o mar?

A palavra é um artefato que escorre do trabalho humano e é sempre um evento cultural e não da hermenêutica. Assim, o que no clássico aparente se percebe como descuido, é na historiografia do humano a plural existência em carruagens de confrontos. A palavra verdadeira sempre se dissolve no transitório quando confronta com uma assombrosa estética que nada oculta. Talvez haja aqui um crivo, ou um friso da ciência, para que tudo esteja num lugar.

No entanto, a palavra líquida, malcriada e instantânea haveria de perguntar: o que vale a vida em seu *“ensaio”*? (KUNDERA, 2017, p. 14). Não existe nenhum segredo, nenhum diamante que seja posse da palavra para ensaiar a vida. A vida, como um esboço da incompletude pode revirar-se em qualquer linguagem e depois de profanada poderá decidir por sua linguagem de polissemia com os mortos e é assim que o esboço do nada jamais será o vazio, apenas transitório entre os não-lugares. Eis que o quântico no imperceptível também é ciência.

### Ponto final e suas reticências.

A poesia é o ato inaugural do produto humano. A palavra pescada no artefato da subjetividade enuncia os universos e seus lugares e seus não-lugares passíveis de serem constituídos de indizíveis e atemporais ancestralidades de átomos inaugurais. A poesia é um cotidiano de acontecimentos.

Por que afirmamos que a palavra é um objeto de desvelar o subterrâneo dessas escavações em torno do humano? Porque a palavra, ao capturar o humano, se propõe no seu próprio artefato à polidez de linguagens para o limiar das fronteiras de sua realização. Eis aqui o movimento. Na polidez das múltiplas vozes, a inexistência de regras reformula os indícios de sua humanização. A palavra em sua ação de ser livre necessita ser profanada para não se tornar mercadoria imobilizada, gênese de algozes da reprodução. É por isso que a palavra não se submete a ser codificada como uso domesticado e irrestrito significando, invariavelmente, a mesma paisagem à morfologia das diferentes cegueiras.

A palavra não está fora do mundo humano, uma vez que se fez em artefato, está na esfera dos lugares transitórios e não ocupados em desafios de subversão para não confinar o apressado controle e a dominação, a palavra nos liga as “coisas mudas” (AGAMBEN, 1999, p. 112).

Interromper os prisioneiros do silêncio em ações de palavras sentidas e paridas abaixo da virilha humana transforma as vozes e os silêncios em signos em que a poesia e a metáfora se entrecruzam como linguagens, como se fosse um tecido bordado de sentidos, é que se pode afirmar que o humano na poesia se desvela no maior gesto político de liberdade e que a palavra fora da poética é sempre um abismo. É sempre a palavra que desvela o silêncio dos labirintos invisíveis e que conecta o ser de poesia à estética e à política. Esse labirinto, palpável ao ser de coragem, assume a ressonância das pulsões e as transformam em conquista universal, guarda na memória inconsciente o princípio do vácuo transcendente que se fez de fluido e energia de vida: poesia.

A palavra está sempre carregada de historicidade e memórias e, em atividade intencional do humano, faz travessia de lugares provisórios para os não-lugares e se desvela em poesia para outros sentidos e dimensões. O humano no movimento de ser poesia também se faz *barqueiro* e pescador em caça de palavras em outros sinais.

Elegante e impecável leitor, se acaso o argumento costurado se desfilar, tente refazer o percurso pelo avesso das margens, pois o rio corre sem exatidão, ele apenas espia outras vozes e outros olhares. Não se desejou professar certezas, mas se acaso esse não-lugar se mostrar impalpável, insinua-se que está nos movimentos as possibilidades das inteirezas, inapreensíveis em seus limites, o aceno para o infinito. Não é num outro brilho que se busca seduzir em palavras, mas da sombra dessa sedução já anuncia o pêndulo do desejo humano em ser poesia.

A poesia jorra seu gozo em sua metamorfose, não de mera aparência, mas substancialmente de movimentos. Dessa forma, a poesia como humano de política se faz em direção à sua humanidade. E a fonte primária do político é e, sempre, será a liberdade. Lembra, a poesia é a estreia nos não-lugares e seu orgasmo explícito é absoluto. Em sua gênese, a liberdade quando profanada de todas as existências retorna sempre aos lugares esquecidos onde devassa sua substância retornando estrela e intensa.

Afinal, a poesia é a eclosão de energias vitais do humano que resulta de sua própria captura e se veste de palavras. Navega torta, não por oposição, mas porque não existe certeza, talvez apenas circunstâncias. Aqui onde principia, é o humano espontâneo, em sua condição de erupção. O ritual das palavras nada possui além do movimento do humano. O vigor de caricaturas invisíveis e abstratas e de imagens sensuais nada mais são que mera aparência das coisas nominadas pela sublime pequenez de autoria do primitivo. A poesia, como princípio de tudo, esfrega-se no humano que profana seu significado inventando a palavra. Nele, o ser emuralhado de palavras poderá renascer político e livre. Livre, encontrará a Poesia.

E por último, cuidado, desconfie dos enganos, pois a certeza também é uma lâmina a tecer colchas de bilro, pois a palavra que a poesia escolhe é aquela que diz aquilo que não se espera por ela ser dita. Lembre-se: o mar de Ítaca faz espigar os pescadores de silêncios.

#### **CRediT**

**Reconhecimentos:** Não é aplicável.

**Financiamento:** Não é aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**Aprovação ética:** Não é aplicável.

**Contribuições dos autores:**

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: LAFFIN, Marcos.

## Referências

- AGAMBEN, G. *Ideia da prosa*. Tradução, prefácio e notas de João Barrento, Lisboa: Cotocia, 1999.
- AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- AGOSTINHO, S. *As confissões*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- ARENDT, H. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BAUMAN, Z. *Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Emantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1990.
- BARROS, M. de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BORGES, J. L. *Esse ofício do Verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FISCHER, E. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- GUIMARAES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. *Leitura: uma oferta de contrapalavras*. Educar nº20, Ed. UFPR, Curitiba: 2002.
- HELLER, A. *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1977.
- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- KAVÁFIS, K. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- KOTHE, F. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986.
- KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi, -1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LUXEMBURGO, R. de. In: *As utopias de Michael Lövy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007.

- MARX, K. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico* (Livro IV de O capital). Vol. I. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.
- MORAES, V.de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora A Noite. 1954.
- NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2008.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. Tradução José Mendes de Souza. Fonte Digital. <[Http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf) 2002>. Acesso em: 20/05/2021.
- PAZ, O. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1982.
- PESSOA, F. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PICON, G. *L'écrivain et son ombre – introduction a une esthétique de la littérature*. Paris: Gallimard, 1953.
- SARTRE, J. P. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SILVA, C. da. *Um estranho barqueiro*. In *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Org. Nelson Saúte. 3ª Ed. Lisboa: Dom Quixote. 2007.